Anno I.º — Ovar, 2 de Setembro de 1909 — Numero (29)--16

A Aperola

JORNAL LITTERARIO—QUINZENAL

—* Assignaturas *—
Semestre . . . . . 250 reis
Com estampilha . . . . . 300 reis
vulso. . . . . 30 reis
Redacção e Administração—Rua da Graça, Ovar

Proprietario e Editor
Antonio Augusto Veiga
Composição e impressão, Typ. «Ovarense»=Ovar

DIRECTOR—Francisco d'Oliveira Bello
DIRECTOR (Charadistico)—Manoel D. Silva
REDACTOR—Francisco d'Oliveira Gomes
ADMINISTRADOR—Manoel Alves Correia

Os originaes publicados ou não, não se restituem.

Coisas Vareiras

Circunstancias ha que tornam tão melindroso este assumpto que a penna por vezes emperra ao tratal-o, e só ladeando-o se anima a retomar muito a custo a sua marcha.

E' que na nossa terra está interdicto a todo o cidadão discutir, analisar pela imprensa coisas como estas a que nos temos timidamente abalançado, por causa das susceptibilidades do sr. Fuluno e do sr. Beltrano que se julgam offendidos com taes discussões e analyses. E' que elles veem sempre collocar-se no logar dos erros e defeitos que nós verberamos.

E' preciso então ser muito commedido e dizer das nossas coisas como quem se refere ao que se passa na China.

E ainda assim...

Estavamos nós fallando do abandono a que têm sido votados os nossos largos e praças de ha muitos annos a esta parte.

Notamos já quão grande tem sido o nosso desleixo n'este negocio, provando-o com o largo da Estação que com pouco dispendio de trabalho e dinheiro podia ser hoje um bello local de recreio e não é.

Trataremos agora do de S. Miguel.

E' este um largo que se presta admiravelmente ao aformoseamento com pouca despesa.

Presta-se a isso e exigi-o.

Vejam: E' elle remate a um dos mais populosos bairros da Villa, muito espaçoso e habitado.

A sua situação é excellente, porque fica precisamente no termo da rua que mais grata e preferida é de toda a gente para a distracção d'um passeio.

E' por assim dizer um logar fóra de portas, onde a villa finda e a aldeia começa.

Está, pois, por sua natureza destinado a ser a nossa «avenida» favorita. E se o não é ainda é porque o teem despresado a ponto de nem pela conservação de seus sobreiros seculares terem velado!

Alguns barbaros que là habitam, com instinctos vandalicos, teem-lhes feito guerra de exterminio: destroçam-lhes as frondosas e largas copas, lançam-lhes fogo nas fendas dos troncos enormes, e até cestos de sal lhes deitam na raiz!

E estas proesas arvoricidas veem já de longe e continuam ainda em nossos dias.

E isto consentiu-se e consente-se! sem jamais se ter chamado à responsabilidade esta nova especie de vandalos!

E assim sobreiros que contam seculos de existencia e que com o seu rejuvenescimento em cada primavera tanto alindam o local, não tem merecido respeito nem de visinhos, nem de quem tem por obrigação olhar por isto!

Coisas vareiras...

E' por estas e por outras que nós nada temos progredido nem nunca progrediremos... a continuar esta indecente... rotina.

Ora este desleixo é que deve acabar por uma vez, e então dar-se-ha principio ao aformoseamento d'este e outros locaes.

Aqui seria um bello passo começar por abrir uma rua larga, bem ensaibrada, desde o lado sul do cruzeiro até em frente ao adro da capella e ladeal-a em toda a sua extensão com dois renques de tilias. Era um principio em que podiam interessar-se quasi todos os moradores do largo, concorrendo até com seu trabalho e dinheiro se tanto fosse necessario.

Mas para esta pequena despeza nem preciso se tornava ir mais longe buscar recursos: no proprio largo existem alguns sobreiros cujo corte está indicado pela necessidade de desafrontar em certos pontos a rua de que fallamos.

A sua venda cobriria sem duvida, toda a despesa, quasi.

Depois não seria de esquecer, collocar aqui e além alguns bancos de pedra que fossem, e assim se iria pouco e pouco sem grande sacrificio civilisando, alindando e aproveitando o que nós por ahi temos de bom e...de despresado.

E porque é que se não ha de fazer assim?

Continuaremos no assumpto.

Eduardo.

Malmequeres

—*—

A' minha amiga Ermelinda Gavino, ao vel-a desfolhar um malmequer

Faz-me pena o malmequer,
Tão mimoso, tão nevado,
Ser quasi sempre colhido
Só para ser desfolhado.

Pobre d'elle! Tem em si
O sentir dos namorados
E nas petalas esguias
Segredos crystallisados.

Porte-bonheur dos amantes
Modesta flor de neve
—Bem-mequer e malmequer
Pouco, muito... e morre breve.

Lina X. Castro Soares.

Impressões de Vianna

(Retardado na Redacção)

Barateados os pós Keating e pennachos berrantes das phylarmonicas das aldeias, a Excursão foi, indubitavelmente, o melhor dos ultimos inventos.

Depois do nosso pão de ló e do club do Luzio, refastelamento serôdio e caro nas tardes pacatas dos domingos solteiros, n'um rasga bem vibrante de genio, parodeamos esta maneira patusca e apelintrada de gandaiar em familia, assoalhando por essas terras os cueiros da nossa manifesta ignorancia e o calão arrepeado do nosso retrocesso.

E' a bohemia em mangas de camisa, de elasticos nos braços, que vae comer na rua um lauto banquete de bolinhos de bacalhau, dando no fim ás tibias, dengosa, apudingada, como quem sabe divertir-se em sociedade, espalmando na anca sádia a manapola que escorcha o carapau na areia, no revirar da dança, no compasso d'um repique de gargalhada molliceira. E, assim, já o vareiro se dá fumaças de pomadinhas das praias, periscando por essas avenidas de Vianna n'um doce refinamento de bom tom, palrando agora, por cá, impressões d'arte, anedoctas abregeiradas de salêta de casa de pernoitar, flamejantes caricaturas de typos, de situações, de hypotheticas aventuras de D. Juan.

Não minguou o amador photographico, arrotando gosto n'uma prosa escorrida de intelligencia e bom senso e a esses bandos cho-

reographicos ambulantes, que p:r ahi ladram p'ra codea da mantença, oppuzémos nós as guélas bem rijas e temperadas das nossas gentis tricanas—licença á phrase da avó das gazetas ca do burgo.

Aquillo é que é bonito! Aquillo é que foi gozar!

Uma familia, arrastando os tarecos da merendola de respeito, embasbacou deante do altar do S. dos Mareantes, em S. Domingos, e um grupo discutiu com calor a carica de S. Pedro, que trazia o seu povo patusco.

Lá em Santa Luzia, mirando bem o monotono casario da cidade, pareceu-nos ouvir áquella estatua, muito magra e muito vergada para o nosso ouvido: filhas não berrem tanto, olhem esta queixa de peito?... e, pasmados do formigueiro da ponte, que é o malho abatendo as arrogancias da natureza, pensamos que já se dispensa bem aquelle braço potente do nosso S. Christovão.

E na volta, dando ás enxundias por aquella escadaria immensa, a solavancar uma misera coxita de frango e um rascante dos Arcos, tivemos a impressão de vêr divertidos os outros,n'uma bombochata rasgada de fedêlhos em bôda de casorio de estrondo.

Divertir-se?! Não. O vareiro nasceu para comer e marear a vida, manducando o arroz doce pelas festas do anno, mas quando escancára a guéla p'ra extravagancia de cantar, chora umas lérias rimadas em ladainhas d'entrudo.

Na cidade, á cata de coisas boas que se vissem, levou nos o focinho junto do Fr. Bartholomeu dos Martyres, e alli, sobre o seu tumulo, ouvimos bem o mestre Casimiro contar do grande bispo a grande phrase em Roma.

E sentimos vontade de chorar as cinzas d'aquelle grande homem, a encarnação perfeita dos evangelhos e das folhas claras dos livros da antiga cavallaria.

Perto da abalada, flanando as nossas calças de riscas pelos passeios do Caes, da Agonia, de S. Sebastião e da P. da Rainha,e recostando a corcunda d'assalariado da Fazenda pelos poiaes do Couto Vianna e do café da Maria da Luz, fundeamos por fim n'aquella festa aristocratica de caridade e gôsto.

E, recordando os nossos arraiaes, mastros, fogueiras e accessorios, vi quanta distancia nos separa d'aquella elegancia e finura, onde cada um,sem ser d'engonços sabe o que alli está a fazer, tendo espirito sem vinho e alegria sem a brutalidade da chalaça e do apalpão.

Vocellencias deram uma voltita por lá?

1—7—09.

João Madria.

O rapto

—=—

O astro nocturno
Do alto dos céos,
Luar scintillava
Isento de véos.

O bronzeo da torre,
Por ondas sonoras,
A' villa annuncia
Chegaram doze horas.

Cocheiro mui habil
Um carro conduz,
'Té uma janella
Com tibia luz.

O carro parou;
Abriu-se a janella;
E d'esta p'ra rua
Lá desce uma... «Ella».

De dentro do carro
Um «Elle» saltou;
E «Ella» com «Elle»
Baixinho fallou.

E «Elle» com «Ella»
No carro entrando,
O dito lá marcha
Com elles... voando!

. . . . . .

Passaram-se mezes
E annos passaram
Emquanto os pombinhos
Fugidos andaram!

Por onde? não sei!
Nem sei que fizeram;
Só sei que na volta
Meninos trouxeram.

S. Thiago

Barbas de Bagaço

Se quizerem comprar os lindos chales para inverno, é ir á nova loja de fazendas da rua da Graça, que chegou grande sortido.

Uma festa n'aldeia

—=—

Um sol ardente, em pleno julho, crestava desapiedadamente as lindas moçoilas que trabalhavam nos campos e amarellecia de mais os loiros trigaes.

As raparigas alegres cantavam n'aquelle dia, com uma despreocupação estoica e um sorriso desdenhoso para o trabalho que as fatigava e que agora executavam apressadamente.

Ao campo iam echoar os sons despedidos do velho bronze que se agitava festivamente no vetusto campanario da capellinha secular.

Junto d'ella vibravam n'uma melodia ironica uma multidão de *bandeiras* pendentes de *mastros* esguios.

Em tudo se notava um rumorejar de festa.

. . . . . .

O sol que vai d'aqui a pouco envolver-se na tunica de purpura que marcheta o azul do poente ainda atira beijos ás raparigas que vêm mais cedo dos campos.

Luizinha; a flôr do rancho é quem trabalha com mais azafama na festa á padroeira da aldeia, a Senhora da Saude que o bom povo crê santa de muitos milagres e sua desvelada protectora.

Luizinha é a *pequena* d'olhos côr de azeviche sobre que caem umas tentadoras palpebras escuras, provocadoras d'um beijo.

Nas suas faces ha sempre uns leves tons côr de rosa.

*
* *

A aurora surgiu no levante serena e radiosa, beijando soffregamente as corollas perfumadas das flôres.

O sol ergue-se soberbo, tornando o dia quente como na vespera.

O povo dirige-se em trages domingueiros para a edosa capella onde se ha de celebrar hoje a festa.

. . . . . .

A tarde está bella e asfixiante.

No *arraial* estendem-se os tradicionaes taboleiros de bolos, cobertos de assucar e pó, desafiando acerbamente o apetite dos rapasitos.

As raparigas postas em fila esperam os *namorados* com quem conversarão versejando.

Uma philarmonica com arrogancia de *zé-pereira* perturba a quietude do ar anilado com *afinados* trechos musicaes.

No arraial a multidão agita-se febrilmente. Todos os olhos esgaseados procuram n'um impeto de curiosidade alguma coisa.

Chega a Luisinha,a rapariga mais linda da freguezia.

Os rapazes fitam-n'a, á porfia, para vêr quem è o vencedor n'aquelle gladiar amoroso.

A noite vem caindo pesarosa.

A par do estralejar dos foguetes, ultimos arrufos da festa, ouve-se o bater de varapaus.

A multidão foge assustada e todo aquelle largo recinto fica convertido n'uma ampla arena onde se batem dois rivaes na conquista ardua da formosa Luisinha.

MARILIO.

Visitem a nova loja de fazendas sita na rua da Graça d'esta villa, que chegou um grande sortimento de chales para inverno.

O tio Cavadas

—=—

Era um velhote dos seus setenta annos bem puxados e morava ali para as bandas da Cavada, razão esta por que lhe chamavam o «tio Cavadas».

D'uma jovialidade muito divertida e sadia,era um bom velho, muito bem fallado;não se lhe conhecia balda em toda a sua vida, por onde se lhe podesse pegar para lhe reor a casaca.

O unico defeito que se lhe notava e que ninguem lhe levava a mal, era o da pinga.

Elle mesmo dizia, quando estava a meia redea, que era esse o seu fraco.

Nem isso era d'admirar. O tio Cavadas creára-se no tempo do vinho a cinco reis a canada, epoca notavel pela descoberta então realisada e que nenhum bebedor contemporaneo ignora: que a agua cria rãs na barriga.

Quanto ao mais, não havia que dizer. Como era de bondoso, alegre e divertido não tinha quem lhe quizesse mal.

Havia, porém, ali no logar da Cavada uma velha a quem dava no goto ouvir fallar em bem do pobre homem.

Ficava-se là a matigar para comsigo umas palavras, de maneira,que a gente não sabia se ella se estava a encommendar a Deus,se ao diabo o tio Cavadas.

Um dia vim a saber o motivo por que o tio Cavadas não ia à missa da tia Josépha—assim se chamava a velha.

Vou contal-o.

Em certa occasião passou o tio Cavadas, com um grão na aza á porta da tia Josepha, que ali se achava sentada a cabecear e a passar as contas, umas grossas camandulas enfiadas em esparto,em honra da corda que os judeus ataram ao pescoço do Senhor.

A devoção tem d'estas adoraveis habilidades para aferroar a piedade...

—Viva lá, tia Josepha!...

—Olha o tio Cavadas, como vem hoje derreado!?...

O alegre velho, ao ouvir a voz da sua visinha, que parecia surprehendida... com o que sempre vira no tio Cavadas, parou, e, esforçando-se por manter o equilibrio do corpo cujo centro de gravide era constantemente mudado, disse:

—E' verdade, tia Josepha! Parece que levo ás costas um peso de seis quintaes. Vou mesmo como o Senhor do Encontro! acrescentou cambaleando, como se o solo lhe faltasse debaixo dos pés.

—Credo! Nossa Senhora!... Olha o hereje! a comparar-se com o Santo dos Santos! Então?! ..Já viram?!...

—E' verdade,tia Josepha!...

—Cale-se, cale-se! tenha temor de Deus!...

(Continua).

Alfredo.

Secção charadistica

Aviso

Toda a correspondencia relativa a esta secção, deve ser enviada ao seu respectivo director=Rua de Santo Ildefonso numero 264—1.º Porto

QUADRO D'HONRA

Odeveza

Timbira

Joteba

CORREIO DE BORLA

—*—

O nosso concurso charadistico

Terminou emfim a quebra cabeça do nosso concurso cabendo a honra do campeonato aos senhores Odeveza, Timbira e Joteba.

Isto que não sirva de desalento aos demais concorrentes, por d'esta vez fugir a *taluda*. Todos se esforçaram por colher os louros. Arnobio, tambem entraria no quadro d'honra, se não fosse a nossa declaração peremptoria de que *só seriam acceites decifrações exactas às que mandaram os auctores*. Se não fôra isto todas as suas serviam.Isto não deixa de lhe ser honrozo.

Eurico è que ficou muito aquem da mèta, mas não admira, porque, ou bem que ha de tratar de remedios para matar gente, ou ha de empregar toda a sua intelligencia na matança das charadas...

Quando as *ratazanas* são *grandes*, é precizo dobrar a dóse do arsenico...

Mas não chóre, porque tambem... ha d'ir... para o quadro d'honra!

Em virtude de haver tres concorrentes com egual numero de charadas, temos de sortear o premio entre os trez. O sorteio realizar-se-ha no proximo domingo de tarde, ás 5 horas, podendo os concorrentes assistir ao sorteio, alem da honra que nos dão com a vizita.

Escuzado será dizer, que uzaremos de toda a lealdade, e no caso de não nos honrar com a sua prezença, o rezultado do sorteio será communicado em bilhete postal.

Um pedido: Se os vencedores, nos derem a honra de pizar os torrões da nossa boa terra, pedimos obsequio de nos prevenir,para nós, por nossa vez, prevenirmos as philarmonicas, e os pyrotechnicos, cá da terra para que a recepção seja estrondoza. Desde já apprezentamos os nossos parabens aos vencedores e que a sorte lhes seja propicia!

Brevemente annuciaremos novo concurso com a collaboração de algumas senhoras que nos honram com as suas producções e decifrações.

=*=

Decifrações do numero 14:

Numeros: 1.º Alarife; 2. Alcorca; 3. Inopia, 4. Dua; 5. Dala; 6. Danaide; 7. Dogma; 8. Dolman,9. Eoo; 10. Livraria, 11. Cachimbo; 12. Torpedo; 13. Arcaleão; 14. Pegaso, 15. Echometro; 16. Valerio; 17. Deleite; 18. Philosophia; 19. Voador; 20. Cabear; 21. Carafo; 22. Alinho; 23. Cuidoso.24. Polychronko; 25. Diversorio; 26. Devesas; 27. Albergador; 28. Quasimodo; 29. Mortuario; 30. Adolia 31. Doblete; 32. Umbroso; 33. Antilabe: 34. Perola; 35. Bemtevi 36. Clementina; 37. Timorate;38. Paranapiacaba; 39. Pinote; 40 Muriciaçu; 41 Ipemerim; 42. Ramadan, 43. Quiteve, 44. Abonação, 45. Alibi, 46. Albafor, 47. Algaravia, 48. Boticario, 49. Candor, 50. Reducto, 51. Refulgencia,52. Ubicação, 53. Tutoria, 54. Galhofaria, 55. Metaphrase, 56. Odiaodio, 57. Veleta-veleto, 58.Canejo Caneja 59. Cagarra-carragão, 60. Caja-cajão, 61. Calleja-callejão, 62 Caminha-caminhão, 63. Verbera-verberão, 64. Macaca-macacão,65. Exultação, 66. Ziz, 67. Ellé, 68. Ebbe, 69. Ele, 70. Ararat-tarara, 71. Alcor-coral, 72. Miolo-iol, 73. Loroz-aro, 74 Mantar anta, 75. Alferce alce, 76. Coteto-coto 77. Grepo-prego, 78. Buris rubis 79. Cafife afife, 80. Anoto-noto, 81. Restaboi.

=*=

Decifradores:

Odevesa, Timbira e Joteba todas.

Arnobio—todas excepto os numeros 17, 19, 54, 55 e 58.

Eurico de Souza—1, 3, 4, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22. 23. 24, 25, 26, 27, 28,29,30, 31, 32, 33,34, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 60, 62, 63, 64, 65, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 81 (total 63).

As numeros 54 e 55 sahiram erradas, mas isso devido aos auctores; foram á consciencia d'elles. Para o effeito do concurso, quer sejam contados ou ilimanados, não dão nem tiram a superioridade aos campeões.

Logogripho

1

Aos collegas Joteba. Odevesa, Arnobio, Timbira, Dr. Misteiro e E. de Souza. O primeiro que enviar a solução ao auctor no praso de 8 dias, receberá como premio um livro de versos de Guerra Junqueiro

Um primoroso juiz de Israel 1 7 6 2 3
Era amante da deusa de inquietação, 3 4 6 5
Senhora formosa, mas agra como fel,
A qual trazia gravada no coração.

Apesar de ser solente e desconfiado, 5 6 4 2
Comeu certo dia um veneno vegetal, 3 4 6 2 6 7
Sendo assim por ella mallogrado
O que lhe causou um grande mal.

Foi atacado pela sarna venenosa, 3 4 6 4 1 5
Que faz perecer muita e boa gente,
Findando com essa feina tosa
Um magestrado habil e deligente.

José Caldas (Rei Pum)-Rua Gois Pinto. Arcos de Val-de-Ves

2

A' maviosa poetisa D. Lina X. Castro Soares

Depois que de teus olhos vivo ausente
A minha alma anda triste e dolorosa,
Coberta por uma dôr rude e pesarosa,
Que produz uma saudade impertinente.

Não posso viver sem tão fagueiro ente,
Pois tornar-me-ha a vida muito airosa, 2
Comquanto, porem, agora seja penosa,
Por não estares por emquanto, presente.

Teu doce olhar é um fulgido luseiro,
Que prende n'um benigno captiveiro
O meu coração, dadiva tão mimosa!

Tu és a filha da deusa da formusura,
Que alem de santa, é bonita e pura, 2
E prende meu coração, mulher formosa!

Arcos. *Rei Pum.*

—*—

Em phrase

3 Na carroça faz o gato o terceiro casamento 2 2

—*—

4 E' tal o furor dos romeiros da Meca, que tiveram coragem de atirar uma pedra ao templo dos mouros 3 1

—*—

5 Em uma das ruas do Porto estava um feiticeiro a fazer rezas a uma planta 3 2

—*—

6 O limite da sciencia das coisas naturaes, é a parte da philosophia que trata das ideias universaes 2 3

S. Thiago.

Barbas de Bagaço

=*=

7 O irmão de Hjuke matou um reptil no oasis do Sahará central 1 1

—*—

8 Na cidade da Hespanha encontrei n'uma furna este alcaloide 2 2

—*—

9 A filha de Vulcano era natural d'uma ilha do Brazil. 2 1

—*—

10 O rei de Sardenha matou um animal ferino n'uma ilha do Brazil 2 2

—*—

11 Este rei da Dinamarca foi um dynasta muito janota

Arcos. *Rei Pum.*

—*—

Paragogicas

12 A rainha das Amazonas era mulher do rei d'Athenas 2.

—*—

13

Procura com sagar presteza
A gentil e galente Maria,
Que é a mulher (uma belleza)
D'um moço de estrebaria

Arcos. *Rei Pum*

—*—

Biformes

14 O azorrague atormenta 3

—*—

15 Tem um chouriço o pafalmi pede 3

=*=

16 D'esta bebida gosta mulher 3

—*—

17 O soldado uza uma arma de fogo 4

S. Thiago

Barbas de Bagaço

—*—

Augmentativa

18 Esta doença dos cães atacalhes o nariz 2

—*—

Invertida por lettras

19 Cidade de Inglaterra 3

—*—

Homonymica

20 A filha de Pretos foi a rainha das Amazonas 4

Arcos. *Rei Pum*

—*—

Telephonica

21 Trim... Trim... Trim...
—Que quer?
—Traze cá o prefixo 1
—Prompto.
=Traze tambem o processo 2
—Prompto.
=Agora leva tudo ao presidente..

S. Thiago.

Barbas de Bagaço.

Nova loja de fazendas

DE MANOEL ALVES CORREIA OVAR

Rua da Graça

N'este novo estabelecimento encontrará o publico um variado sortido de fazendas, taes como:

Pannos crûs, riscados, pannos patentes, morins, o que ha de melhor, ultima novidade em flanellas d'algodão, sephires setinetas, o que ha de mais chics: cobertores d'algodão, gurdasoes para homem e senhora, de fina sêda e alpaca, bengalas (novidade). Um saldo de phantazias ou castelletas e bem assim um grande sortido para estação de verão em cazemiras e cheviotes para factos d'homem, colletes de phantazia, etc.,etc.

Tudo por preços baratissimos!

MACHINAS DE COSTURA

As machinas de costura «Original» de *Frister Rossmann*, rivalisam com todas as outras. Ha tambeem machinas e accessorios para as mesmas, a prços muito resumidos.

Unico depositario em Ovar=*Americo Peixoto*

Concertos gratis a todas machinas compradas n'esta casa

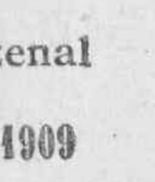
Machinas de costura

As machinas de costura de original *Ideal*, são as melhores; tanto para coser, como para bordar.

Estas machinas são as mais distinctas que se fabricam na America.

Unico depositario em Ovar

Ludgero Peixoto



Officina de calçado

de

Manoel Rosas

Travessa da Fonte—Ovar

Officina de Carpintaria e Marcenaria

de

José Rodrigues Faneco

Rua dos Ferradores-Ovar

A PEROLA

Jornal litterario—quinzenal

Anno 1 Quinta feira 2 de Setembro de 1909 N.° (29)-16

Snr _____